



## REFLETINDO SOBRE INFÂNCIAS: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL DIANTE DA MODERNIDADE LÍQUIDA E DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS<sup>1</sup>

Maria Eloisa Müller Borgmann<sup>2</sup>, Aline de Moura Muniz Zanchett<sup>3</sup>, Maria Regina Johann<sup>4</sup>, Fernando Jaime González<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Este trabalho é parte de estudos realizados no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências PPGEC/UNIJUI e do Grupo de Estudos Infâncias Brasileiras: temas emergentes e desafios à formação e à educação.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação nas Ciências (UNIJUI), Professora da Rede Municipal de Ensino de Augusto Pestana, Membro do Grupo de Estudos Infâncias Brasileiras: temas emergentes e desafios à formação e à educação/UNIJUI. E-mail: maria.borgmann@sou.unijui.edu.br

<sup>3</sup> Mestranda em Educação nas Ciências (UNIJUI) e brinquedista. Membro do Grupo de Estudos Infâncias Brasileiras: temas emergentes e desafios à formação e à educação/UNIJUI. E-mail: aline.zanchett@sou.unijui.edu.br

<sup>4</sup> Professora dos cursos de licenciatura e do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijui (PPGEC). Pesquisadora das infâncias e Coordenadora do grupo de estudos Infâncias brasileiras: temas emergentes e desafios à formação e à educação/UNIJUI. E-mail: maria.johann@unijui.edu.br.

<sup>5</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da UNIJUI e do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). E-mail: fjpg@unijui.edu.br

### RESUMO

Este estudo investiga a construção histórica e social da infância, enfatizando como fatores culturais, tecnológicos e institucionais moldaram a percepção e o tratamento das crianças ao longo dos séculos. A metodologia de base qualitativa tem como procedimento a revisão de literatura. A problemática central é compreender o impacto dessas transformações na identidade e no desenvolvimento das crianças hoje, especialmente em um mundo caracterizado pela modernidade líquida e pela onipresença das tecnologias digitais. Os resultados apontam que desde a Idade Média, quando as crianças eram percebidas como pequenos adultos, até a modernidade, que reconhece a infância como uma fase distinta com direitos e necessidades específicas, as concepções de infância passaram por transformações significativas. Este trabalho visa analisar essas mudanças e lançar reflexões para contribuir no âmbito da educação e da formação das novas gerações.

**Palavras-chave:** Construção social. Educação. Infâncias. Modernidade líquida. Tecnologias digitais..

### ABSTRACT



This study investigates the historical and social construction of childhood, emphasizing how cultural, technological, and institutional factors have shaped the perception and treatment of children over the centuries. The qualitative-based methodology employs a literature review as its procedure. The central issue is to understand the impact of these transformations on children's identity and development today, especially in a world characterized by liquid modernity and the omnipresence of digital technologies. The results indicate that since the Middle Ages, when children were perceived as small adults, to modernity, which recognizes childhood as a distinct phase with specific rights and needs, conceptions of childhood have undergone significant transformations. This work aims to analyze these changes and offer reflections to contribute to the field of education and the formation of new generations.

**Keywords:** Social construction. Education. Childhood. Liquid modernity. Digital Technologies.

## INTRODUÇÃO

A infância é uma fase da vida que tem sido moldada ao longo dos séculos e continua a ser influenciada por uma variedade de fatores socioculturais, tecnológicos e institucionais. Historicamente, as concepções de infância passaram por transformações profundas, desde a ausência de distinção entre crianças e adultos na Idade Média até o reconhecimento das crianças como indivíduos com direitos e necessidades específicas na modernidade. Essa evolução reflete não apenas mudanças nas percepções culturais, mas também nas estruturas sociais e políticas que contornam as infâncias.

A problemática central desta discussão é compreender como essas transformações históricas e sociais impactam a identidade e o desenvolvimento das crianças no contexto atual. Em um mundo marcado pela modernidade líquida, caracterizada pela fluidez das relações sociais e pela rápida evolução tecnológica, surge a questão de como essas dinâmicas influenciam a infância. As crianças de hoje, conhecidas como "nativas digitais", interagem com a tecnologia de maneiras que diferem radicalmente das gerações anteriores, levantando questões sobre seu papel ativo na sociedade e as novas formas de socialização e aprendizado.

Neste contexto, este estudo tem como objetivo analisar a evolução histórica da concepção de infância, destacando as influências culturais, tecnológicas e ideológicas que moldaram e continuam a moldar essa fase da vida. Além disso, pretende-se explorar como as mudanças nas percepções e práticas relacionadas à infância refletem transformações mais amplas na sociedade, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Reconhecer a infância como uma construção social dinâmica permite entender melhor as



complexidades e variabilidades das experiências infantis, valorizando as crianças como agentes ativos na construção de uma sociedade mais sustentável e inclusiva.

## **METODOLOGIA**

A metodologia adotada neste estudo baseia-se em uma revisão bibliográfica sistemática, abrangendo uma ampla gama de fontes acadêmicas e literárias relacionadas à construção histórica e social da infância.

O processo de seleção de materiais incluiu a consulta de bancos de dados acadêmicos, como *Scopus* e da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI), utilizando palavras-chave relevantes, como "infância", "desenvolvimento infantil", "modernidade líquida", "tecnologias digitais", entre outras. Além disso, foram explorados catálogos de bibliotecas digitais, como Google Scholar e o Catálogo de teses e dissertações da CAPES, para identificar estudos relevantes e contribuições significativas no campo da infância e da sociologia.

Os critérios de inclusão para a seleção dos trabalhos foram baseados na relevância do conteúdo para os objetivos do estudo. Esses critérios englobam tanto abordagens teóricas quanto empíricas sobre a transformação da percepção e tratamento da infância ao longo da história, bem como análises contemporâneas sobre o impacto da modernidade líquida e das tecnologias digitais na infância.

Após a seleção dos materiais, foi realizada uma análise crítica e interpretativa dos textos, buscando identificar padrões, tendências e lacunas na literatura existente. Os dados foram organizados e sintetizados para fornecer uma visão abrangente da evolução da infância como uma construção social, destacando as influências culturais, tecnológicas e institucionais ao longo do tempo.

Por fim, os resultados da revisão bibliográfica foram apresentados de forma organizada, permitindo uma análise reflexiva e uma discussão das principais questões levantadas em relação ao tema da infância na sociedade contemporânea. O estudo destacou especialmente o contexto da modernidade líquida e tecnologias digitais, proporcionando ampliar a compreensão das influências atuais sobre as infâncias.

## **A INFÂNCIA NA MODERNIDADE LÍQUIDA E DIGITAL**



Segundo Borges e Ávila (2015), as infâncias não são eternas, elas também são subjetivadas pelas mudanças históricas e institucionais que moldam a sociedade como um todo, afinal, são construções sociais históricas. Portanto, é necessário reconhecer e ter em conta que as crianças não são apenas espectadoras dos acontecimentos, mas, pelo contrário, participam e influenciam a formação da sociedade atual. Não estão muito distantes da realidade e mudaram tanto quanto os sujeitos adultos com as mutações da modernidade.

A ideia de infância como construção histórica e social que teve início no século XIX e tem se atualizado, pois as infâncias são dinâmicas e afetadas pelos contextos sócio históricos. Portanto, o sentimento da infância muda à medida que a sociedade muda e podemos exemplificar afirmando que na Idade Média esse conceito não existia (Ariès, 1981). Outro indicativo desse contorno histórico-social, é o fato de que nas camadas superiores da sociedade surgiu o conceito de infância caracterizado pela inocência, bondade e elegância. Nesta perspectiva, as crianças precisam ser protegidas e preservadas. Muito desse sentimento ainda existe hoje (Borges; Avila, 2015).

Na Idade Média, as crianças eram tratadas como adultos menores e nenhuma acomodação ou roupa especial lhes era fornecida. Essa não separação remete a outra característica desse período: a inexistência do conceito de privacidade. Os temas e brincadeiras envolvem crianças e adultos, portanto não há definição entre o sentido da existência de cada pessoa (Campos, 2018).

Essa noção de que a infância não existia como uma especificidade do tempo de desenvolvimento das crianças, fica evidente no seguinte aspecto: quando as crianças já não precisam das mães ou das enfermeiras, elas são integradas na sociedade adulta e participam em jogos, tarefas domésticas e das demais dinâmicas sociais. Um exemplo, pode ser mencionado em relação às roupas infantis, elas eram semelhantes às roupas dos adultos, portanto desconfortáveis para as crianças. Essas roupas impediam que as crianças se movimentassem livremente, privando-as da alegria de correr, sujar-se, subir em árvores [...] (Campos, 2018).

Além disso, Barreta (2021) informa que a mortalidade infantil era elevada, o que os higienistas atribuíam ao mau cuidado das crianças através de comportamentos anti-higiênicos e a insalubridade dos lares e das comunidades. Os laços emocionais frágeis entre pais e filhos também estão entre as causas de mortes infantis, devido à falta de cuidados com a transmissão de doenças e da precariedade em relação à higiene.



A ideia de infância, portanto, não pressupõe algo universal e uniforme, mas, sim, é uma narrativa dos papéis sociais das crianças em contextos históricos e sociais. Personagens diferentes produzem narrativas diferentes e, portanto, infâncias diferentes. É importante, portanto, compreender que a produção dessas narrativas que estruturam nossas percepções sobre a infância é uma resposta à articulação de forças e relações de poder que permeiam as instituições (Barreta, 2021).

Os séculos XVII e XVIII testemunharam estas profundas mudanças na sociedade e constituíram o período histórico em que a ideia moderna de infância finalmente se cristalizou, assumindo características únicas e tornando-se referência para um grupo humano não caracterizado pela miniaturização, mas passando por uma fase de desenvolvimento específica do ser humano (Campos, 2018).

Por fim, no que se refere à história social das infâncias e seus desdobramentos na cultura ocidental, Campos (2018) destaca o estatuto da criança emergindo na arte e na escrita dos séculos XV, XVI e XVII, e evidencia que a infância é uma invenção da modernidade. A autora registra os sentimentos da infância como consciência infantil gerada no processo histórico, e não como herança da tradição. Portanto, é importante compreender essa temática à luz da construção social histórica do desenvolvimento dos significados das infâncias e, a partir disso, buscar analisar como a ciência, a cultura, educação e as tecnologias influenciam esses significados.

## **INFÂNCIAS À LUZ DA MODERNIDADE LÍQUIDA**

Um dos marcos importantes para os direitos das crianças é a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança de 1989, uma lei internacional que abrange os direitos humanos relacionados às crianças. Porém, no Brasil, elas começaram a ser legalmente reconhecidas como cidadãs com a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990. Atualmente, as famílias, as instituições educativas e os meios de comunicação social são vistos como contribuintes para a definição da infância como um direito humano inquestionável.

Para Bauman (2001), esta foi uma das principais características da modernidade. Para o autor, essa fluidez pode ser observada pela fusão de tradições e ideias e, sobretudo, pela

ruptura do vínculo entre a ação individual e os projetos coletivos, confirmando a deterioração do individualismo que é uma marca da sociedade moderna. De acordo com Thueller e Faboarz (2017), Bauman identifica sinais de modernidade na sociedade contemporânea que mudam em direção a novas configurações, novos cenários, que ele chama de “modernidade líquida”.

Assim, as características da mobilidade dos modos de viver também podem ser estendidas aos sujeitos que fazem parte de um mundo fluido, que tendem a não manter sua forma, perspectiva ou expressão no longo prazo como é tradicionalmente visto nos sujeitos modernos (Thueller; Faboarz, 2017). As crianças também vivem e convivem com a incerteza e a insegurança da modernidade; essa também é a realidade delas e desde cedo lidam com essas questões de maneiras diferentes. Por mais que os sujeitos adultos tentam protegê-las e excluí-las da situação, percebemos que esse modo de vida já é intrínseco à identidade e à subjetividade de cada participante (Borges; Ávila, 2015).

Vale ressaltar também que na modernidade, dominada pela lógica do consumo, a fluidez passa a ter uma influência nos comportamentos, e conceitos como hedonismo, a busca do prazer imediato, individualismo, reforçam a lógica do “eu”, presenteísmo.

As infâncias contemporâneas também são influenciadas por fatores socioculturais, tecnológicos, ideológicos e históricos, porém, são demarcadas como um período identitário e de desenvolvimento específico. Nesse sentido, Barreta (2021) apresenta a infância como uma categoria. Para ela, a categoria continuará existindo para além do individual, acolhendo novas crianças. Diante disso, pode-se dizer que a infância é um processo social complexo que transcende as crianças e abrange os fatores acima mencionados, bem como as crianças e as representações midiáticas (Barreta, 2021).

Portanto, os enquadramentos para encontrar certas formas de sentir/comportar-se e expressar são um tanto limitantes porque visam ajustar-se a padrões já existentes. Ao mesmo tempo, por serem uma massa de sentimentos e perspectivas estetizadas, as escolhas tornam-se cada vez mais efêmeras e, nesse caso, fragmentadas por serem fluidas. Assim, por exemplo, gostos, opiniões e formas de relacionamento são cada vez mais variáveis (Thueller; Faboarz, 2017).

Portanto, tratar de infâncias contemporâneas exige pensar nos desafios da educação no horizonte da cultura digital, pois atualmente, as crianças demonstram uma forte afinidade com a tecnologia digital. Tanto é que esta geração é conhecida como “nativos digitais” porque



abandona os brinquedos e jogos “tradicionais” para se divertir nos celulares, videogames, computadores, *tablets*, *smartphones* e muito mais. (Campos, 2018).

Para as crianças nascidas e criadas num ambiente tecnológico, estes recursos são “naturalizados”, como se sempre tivessem existido, ou seja, essas infâncias estão familiarizadas com o mundo das novas tecnologias de informação e elas influenciam os modos de ser das crianças. Esse é o enfoque a ser dado na próxima seção deste trabalho.

## **EDUCAR EM TEMPOS DIGITAIS: PENSANDO AS INFÂNCIAS**

As crianças circulam em diferentes ambientes, são educadas pelos pais, professores, avós, convivem com amigos, acessam celulares, *tablets* e, geralmente, estão em contato com a televisão e as telas são companheiras da maioria das crianças na atualidade.

No atual contexto, vivemos em um tempo, denominado por Angela Baptista e Julieta Jerusalinsky (2017), de intoxicação eletrônica, pois estamos conectados praticamente o tempo todo e temos o celular como um artefato quase incorporado ao corpo. Não seria exagero dizer que vamos dormir e nos levantamos com um celular na mão. É difícil entender que alguns anos atrás, ninguém tinha celular e a vida era organizada de outros modos, hoje na maioria das famílias, cada membro possui um aparelho com conexão e autonomia de uso, e isso tem seus benefícios, mas para a infância também significa alguns perigos, entre os quais o excesso de conexão, de interação com personagens programados, de momentos de solidão e de dificuldade de socialização.

Crianças que ficam muito tempo envolvidas com o celular limitam suas vivências sociais e, por conseguinte, podem prejudicar o desenvolvimento de sua criatividade porque deixam de interagir com outras crianças, de experimentar outros modos de relação e de prazer como por exemplo, brincar, ler, passear, conviver com animais de estimação e usufruir da natureza. Muitas vezes, os amigos passam a ser virtuais e as brincadeiras da mesma forma.

O excesso de tempo diante das telas pode inibir o interesse das crianças por questões básicas vinculadas à rotina, como tempo adequado de sono, foco na alimentação, dedicação às pequenas tarefas, sejam domésticas ou escolares e disposição para interagir com outras pessoas. Como a criança não sabe e não entende, ainda, os limites desse excesso, ela depende da ajuda



e dos cuidados dos adultos, que necessitam estabelecer regras de acesso ou de uso de dispositivos móveis, bem como de construir hábitos de rotinas saudáveis. Se os adultos não apresentarem às crianças outras possibilidades de interação, muito provavelmente o brincar com outras crianças não será tão interessante, pois a atenção pode estar vinculada aos jogos eletrônicos, aos programas, aos filmes e vídeos de animação. É nesse sentido, que as infâncias contemporâneas também são afetadas pelos contextos e as culturas. Vivemos um tempo da infância conectada e de adultos conectados, por conseguinte, as crianças são reflexos das suas famílias e dos contextos sociais e culturais. Tal noção fica evidente nos estudos que abordam o tema das infâncias em relação a cultura digital, como exemplo, podemos indicar o artigo científico “Crianças Conectadas: o impacto das tecnologias no ato do brincar”, escrito por Janailsom Nunes da Silva, Taíse Silva Costa e Maria Cecilia Soares (2021, p. 193), nos ajuda a refletir sobre a temática. Segundo os autores, o uso da tecnologia em excesso é um assunto em que os pais vêm se preocupando de forma constante, pois as crianças estão cada vez mais viciadas nesse mundo de múltiplas informações, e com isso vem causando fatores negativos no desenvolvimento infantil e na saúde.

Segundo Dora Góes (*apud* Oliveira, 2024), psicóloga do Programa de Dependências Tecnológicas do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (IPQ), o uso descontrolado da tecnologia causa prejuízos na vida das pessoas como um todo. Elas perdem o foco das coisas realmente importantes e têm uma qualidade das relações empobrecida. Isso é pouco percebido, principalmente por quem é viciado em jogos. As pessoas perdem o foco, ficam mais distraídas, retêm menos informações e tem uma diminuição da memória. Percebemos que com o mau uso da ferramenta tecnológica, outros malefícios podem surgir, tais como os distúrbios psicológicos, os problemas físicos, o sedentarismo, as lesões, mas também o escapismo social, a agressividade, entre outros. Esses são alguns dos resultados que surgem quando uma pessoa não possui autocontrole ao usar os dispositivos tecnológicos. Se isso tem implicações graves para os adultos, imaginamos como pode ser com as crianças.

Além de danos que podem acontecer no desenvolvimento das crianças, os estudos apontam que, atualmente, muitas delas estão apáticas em relação ao brincar presencialmente e interagir com outras crianças, pois isso é um comportamento que também têm influências dos contextos e hábitos familiares, portanto, se elas perderam o prazer em socializar e brincar com





outros humanos, em presença, isso pode ser um indicativo dos modos como estamos oportunizando o viver às infâncias. Isso é possível ver em obras de autores como Baptista e Jerusalinsky (2017), Silva e Soares (2021), e Meirelles (2008), entre outros. Este assunto tem sido amplamente debatido em redes sociais por vários pesquisadores, educadores e médicos, entre eles, o pediatra brasileiro Daniel Becker (2022), que trata do mal-estar da infância na contemporaneidade, advertindo os adultos sobre uma possível parentalidade distraída.

Vivemos uma luta com a expressão “sai do celular!”. Sabemos que a internet já foi uma terra sem lei, sem controle, isso vem mudando, mas ainda precisamos melhorar muito nessa questão, para ter um espaço seguro e viável para as crianças. De outra parte, se hoje você andar um pouco por espaços de interação familiar é comum ver pais que deixam desde muito cedo as crianças no celular, muitas vezes, como um modo de ocupá-las ou de distraí-las, liberando os próprios adultos de se envolverem com as crianças. Nesta direção, Daniel Becker (2022) adverte os adultos acerca do que ele denomina de parentalidade distraída, pois constata em sua experiência clínica que os pais estão distraídos e ocupados nas redes sociais e, com isso, dedicam menos tempo e atenção às crianças.

Um dos outros fenômenos que também é identificado cada vez entre adultos e crianças é a permissividade excessiva, aquele movimento onde os pais não estão tão presentes como deveriam e acabam permitindo os seus filhos a uma série de ações para compensar a sua ausência e diminuir a culpa da sua ausência. O impedimento de que as crianças se frustrem também faz parte de muitas famílias e sabe-se que é na infância que as crianças aprendem a lidar com as pequenas frustrações e fracassos.

Nessa mesma direção, o estudo do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (Belém), com o título “O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário?”, escrito por Manoela Yustas Mallmann e Giana Bitencourt Frizzo, destaca que as mães permitem o uso tanto da televisão quanto de dispositivos móveis pelas crianças, sentindo-o como potencialmente positivo para promover a aprendizagem e o lazer delas. Porém, também foram relatadas preocupações quanto a possíveis excessos, evidenciando a necessidade das mães de impor limites em relação ao uso. Em geral,



[...] as mães participantes consideraram o uso como inevitável, tanto para a criança, quanto para auxílio aos pais como recurso para distrair e acalmar os filhos quando necessário. Outros estudos também apontam que as tecnologias podem ser usadas pelos pais para acalmar, distrair e entreter as crianças (Malmann; Frizzo, 2019, p. 3).

Sabemos dos desafios familiares na condução da educação e dos cuidados com as crianças. Os contextos são diversos e desafiadores, entre os quais de modo geral podemos mencionar: pais separados, crianças que ficam com cuidadoras, crianças que ficam sendo reparadas pelos irmãos, muitas vezes, também crianças ou adolescentes, entre tantas situações conhecidas por todos nós. Ainda, muitas mães, que trabalham por tempo integral e ainda se dedicam às tarefas domésticas, veem nos dispositivos móveis e na televisão um modo de ocupar as crianças, liberando-as para os afazeres da dupla jornada diária. Ter ciência dessas realidades - e que não nos cabe julgá-las - é importante para que este tema avance e ganhe visibilidade social, uma vez que as crianças estão sendo vítimas dessa realidade contemporânea e sofrendo os efeitos nocivos dessa lógica de vida. Nessa perspectiva, o estudo conduzido por Malmann e Frizzo (2019), também aponta que algumas instituições já sinalizam os perigos do excesso de tempo virtual para as crianças:

A American Academy of Pediatrics (AAP, 2016), por exemplo, assim como a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2016), desencoraja o uso de telas para crianças menores de 2 anos. Porém, apresenta flexibilidade entre os 18 e 24 meses, recomendando que, caso a criança seja exposta às mídias, os pais estejam presentes e interajam com ela, usando aplicativos de qualidade.

Vivemos numa geração de bebês e crianças conectadas e muitas famílias não se deram conta dos problemas que o futuro pode ter com o desenvolvimento dos seus filhos, até porque isso é muito novo e ainda não temos uma ampla divulgação dos efeitos nas crianças, por isso as pesquisas necessitam investir nesse tema. O estudo de Marcelo de Andrade e Gisela G. S. Castro (2020), com o tema “*Youtubers mirins e os vídeos unboxing: uma reflexão sobre a criança conectada nas tramas da publicidade contemporânea*”, aponta que cada ano vem aumentando o acesso de residências com acesso à internet e, nesse contexto, também aumenta o número de crianças conectadas em diferentes idades. Nesse sentido, Andrade e Castro mencionam que:



Seguindo uma curva ascendente que caminha na mesma direção, a disponibilidade de conteúdo voltado ao público infantil no ecossistema digital também vem aumentando e já representa uma parcela considerável das produções que estão disponíveis no *YouTube*, por exemplo. Em estudo realizado pelo ESPM Media Lab em 2015, Luciana Corrêa identificou que dos 100 canais com maior audiência na plataforma de vídeos, 36 deles eram direcionados ou continham conteúdo voltado ao público infantil (Corrêa, 2015). Ao atualizar a pesquisa, em 2016, Corrêa constatou que o número de canais com apelo ao público infantil havia saltado para 48 em cada 100 (Corrêa, 2016). Desse modo, entre os canais mais populares na divisão brasileira do site, praticamente a metade deles produzem ou compartilham, em alguma medida, conteúdos que são endereçados às crianças (Andrade; Castro, 2020, p. 98).

Interessante é que a maioria das plataformas tem restrição de idade para menores de 18 anos, mas, mesmo assim, as crianças são validadas por algum adulto próximo que pode ser mãe, pai ou irmãos mais velhos. Um dos assuntos abordados no estudo são os vídeos chamados *unboxing* que seria filmar a remoção de um produto ou brinquedo da embalagem. Sobre esse tema Andrade e Castro trazem os seguintes dados acerca dos modos como o mercado opera nas produções culturais endereçadas às crianças no *Youtube*:

[...] tomamos como objeto empírico o Canal da Lulu, protagonizado pela *youtuber* Luíza Sayuri. Por meio da plataforma Social Blade 7, identificamos os 200 canais mais populares no YouTube Brasil e definimos três critérios para o nosso recorte: 1) o canal deveria ser protagonizado por uma criança de até 12 anos de idade; 2) deveria pertencer à categoria entretenimento no YouTube; 3) ter mais de 1.500.000 de inscritos. Desse modo, dentre os 200 canais listados inicialmente, identificamos 10 que se enquadravam nos três critérios. Para chegar ao Canal da Lulu, elegemos a idade dos protagonistas dos canais como a regra de corte. Com apenas 5 anos de idade, Luíza foi a *youtuber* com a menor idade informada nos 10 canais que abarcavam os critérios definidos inicialmente. Trabalhamos com a metodologia de análise crítica, a qual busca descrever e interpretar o que se observa no campo empírico com base na fundamentação teórico-conceitual da pesquisa e, assim, trazer elementos que contribuam para a compressão do modo como a publicidade tem lançado mão desse formato para interpelar e cativar a criança conectada, driblando as restrições vigentes e, ao mesmo tempo, contribuindo para a produção de subjetividades ao promover certos modos de brincar e ser criança no contemporâneo (Andrade; Castro, 2020, p. 99).

Entender que nada é neutro e que sempre há uma intenção que sustenta um produto, programa ou conteúdo direcionados às crianças é de suma importância para pais, professores e pensadores das infâncias. As crianças, geralmente, trocam o momento de brincar em grupo para assistir vídeos de crianças brincando ou abrindo novos brinquedos que resultam numa caminhada de apelação do consumo das crianças aos pais. Isso permite pensar no quanto o contexto (familiar e social) no qual a criança está inserida, contribui para influenciar as suas



escolhas. As crianças não nascem conectadas, são introduzidas nessa cultura, via hábitos e costumes familiares e sociais.

No Brasil existe o Instituto Alana, que auxilia a promover ações para melhorar as realidades das crianças brasileiras. Essas ações estão pautadas em várias esferas que vão de justiça, inclusão, igualdade, pluralidade, proteção democracia, justiça social e direitos humanos das crianças e adolescentes. O Instituto também promove ações através do site, que contribuem para pensar as infâncias, pois ergue bandeiras de crianças livres do consumismo e da publicidade.

Entrar no território da “intoxicação eletrônica” é também entender como a publicidade afeta a vida das crianças e das famílias. A regulamentação da publicidade infantil vem crescendo nos países mais desenvolvidos, isso se faz necessário uma vez que a publicação direcionada ao público infantil é apelativa e, por isso, se torna abusiva, induzindo às crianças e suas famílias ao consumo e, geralmente, de produtos industrializados e pouco saudáveis. Nesse aspecto, exemplificamos alguns dos modos como a indústria alimentícia promove seus produtos: as embalagens de produtos têm figurinhas coloridas, contêm personagens de desenhos infantis, certas vezes acompanhadas de brindes acoplados ao alimento, o próprio alimento muitas vezes é colorido e tem formato que remete a um animal ou brinquedo. Ou seja, os comerciais direcionados ao público infantil, são apelativos, planejados por equipes de *marketing* que aqui no Brasil operam com certa autonomia, pois a legislação em relação ao consumo infantil, tem sido bastante flexível.

Debater tal aspecto é necessário, pois as crianças são vulneráveis e não conseguem perceber o tom de apelo comercial ou a publicidade persuasiva com a intenção de vender algo. Diante disso, nosso papel é contextualizar esses aspectos e apontar questões para fomentar o debate e as pesquisas, pautando-nos em argumentos que defendem os interesses voltados a uma infância saudável, minimamente resguardada e protegida e que tenha espaço para se desenvolver de modo integral, tendo seus direitos assegurados.

Estar conectado é uma dimensão de liberdade tanto para adultos quanto para as crianças. Atualmente, você tem liberdade de escolher o que quer ver, e se não considerar atrativo, pode buscar outro programa, diferentemente de alguns anos atrás, que a televisão



aberta não tinha muitas opções e éramos limitados nas escolhas. E essa liberdade de ver se conectar com o que tem interesse no momento leva a fatores positivos, como a autonomia e a liberdade de escolhas, mas, também, expõe a criança e dá a ela um lugar de escolha e decisão sobre assuntos, temas e atitudes complexas sobre as quais as crianças ainda não estão preparadas. Esse é um aspecto importante que diz respeito ao nosso compromisso com a formação das crianças de hoje e das futuras gerações.

Influenciadas por esses contextos e culturas digitais, muitas crianças optam por não brincar e, sim, fazer compras, passear em *shopping* e apreciar programas de *Tik Tok*, *youtubers*, entre outros. Contemporaneamente, algumas crianças também participam das decisões familiares, antes destinadas aos adultos, como o que comer em restaurantes, onde passear, o que comprar, não que isso não seja importante envolver os filhos, mas o discurso infantil está cada vez mais adultizado, muitas vezes, pautado por um discurso de senso comum que se sustenta na noção de tudo o que nós não tivemos queremos dar aos nossos filhos, tudo o que não aprendemos queremos ensinar aos nossos filhos. Essa noção evidencia uma preocupação com a educação das crianças, no sentido de não fazê-las passar por certas práticas do passado, contudo, isso pode ter um lado perverso para a educação e a formação das crianças, na medida em que se cobra delas decisões e atitudes acerca de aspectos dos quais ainda não deveriam se envolver, se considerarmos a infância como um tempo de proteção do mundo público, de dedicação e atenção a questões para as quais elas estão aptas a lidar, entre as quais destacamos o brincar, a interação com seus pares e as aprendizagens escolares.

Por isso, existe a necessidade de oportunizar às crianças espaços e tempos adequados para uma infância brincante, isso porque vemos na infância e seus modos estruturantes de linguagem, de comunicação, de cognição, de valores e padrões estéticos e éticos, uma condição de ser criança humana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em conclusão, a análise acerca das infâncias revela que este conceito não é estático, mas, sim, uma construção dinâmica que se transforma em resposta às mudanças sociais, culturais e tecnológicas. A partir do século XIII, com a gradual distinção entre crianças e adultos até os dias atuais, em que as infâncias são marcadas pela intensa interação com tecnologias



digitais, vemos como as noções, as percepções e as experiências acerca dessa questão são amplamente afetadas e cambiantes.

Na contemporaneidade, as crianças são profundamente influenciadas pela modernidade líquida e pela cultura do consumo. A fluidez das relações sociais e a rápida evolução tecnológica têm moldado novas formas de infâncias, onde as crianças interagem com o mundo de maneiras que são radicalmente diferentes das gerações anteriores. Elas não são apenas consumidoras passivas, mas, também, participantes ativas que influenciam e moldam o cenário social e cultural.

Reconhecer as infâncias como uma construção social nos permite entender melhor as complexidades e as variabilidades das experiências infantis. Isso nos ajuda a criar políticas e práticas mais inclusivas e sensíveis às necessidades das crianças, respeitando sua capacidade de agência e contribuindo para o seu desenvolvimento integral em um mundo em constante transformação. As infâncias, assim, permanecem um campo rico para a análise e a reflexão, sempre aberto às novas interpretações e entendimentos à medida que a sociedade segue em transformação. Em consideração ao exposto, cabe investir em pesquisas que contribuam para o entendimento dessas dinâmicas sociais e fomentem a compreensão dos adultos (pais, cuidadores, professores) em relação às infâncias, especialmente no que tange aos cuidados, à proteção e o desenvolvimento das novas gerações. Educar as crianças hoje, é ajudá-las a entender os mecanismos que as cercam e subsidiá-las com repertórios qualificados que potencializam a sua autonomia e bem estar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS, COUNCIL ON COMMUNICATIONS AND

In: **Revista Cocar**. Edição Especial n.7. Set./Dez./ 2019 p. 26-46. Disponível em:

<https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/index/> MEDIA.Media and young minds.

Pediatrics, vol.138, n.5, p. 1-8, nov, 2016. Acesso em: 30 de jul. de 2024.

ANDRADE, Marcelo de; CASTRO, Gisela . G. S. Youtubers mirins e os vídeos unboxing: uma reflexão sobre a criança conectada nas tramas da publicidade contemporânea. In: **Mídia E & Cotidiano**, v. 14, n. 1, p. 96-116, 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.22409/rmc.v14i1.38458>. Acesso em: 30 de jul. de 2024.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. Disponível em:



[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5525040/mod\\_resource/content/2/ARI%C3%88S.%20Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia.txt.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5525040/mod_resource/content/2/ARI%C3%88S.%20Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia.txt.pdf) . Acesso em: 31 de jul. de 2024.

BAPTISTA, Angela. JERUSALINSKY, Julieta. (org.). **Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais.** Salvador: Ágalma, 2017.

BARETA, Gabriela Pacheco de Freitas. **E aí, galerinha?** relação das crianças com a publicidade realizada por influenciadores digitais no Instagram. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/233264/001134870.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 08 jun. 2024.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECKER, Daniel. O mal-estar da infância na contemporaneidade. In: **Café Filosófico**. CPFL, 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=EXY8mzs\\_MrA&ab\\_channel=Caf%C3%A9Filos%C3%B3ficoCPFL](https://www.youtube.com/watch?v=EXY8mzs_MrA&ab_channel=Caf%C3%A9Filos%C3%B3ficoCPFL). Acesso em: 11 out. 2023.

BORGES, M. K.; AVILA, S. de L. Modernidade líquida e infâncias na era digital. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 102-114, 2015. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/3220/2053> Acesso em: 08 jun. 2024.

CAMPOS, Natália Beatriz Galvão. **Modernidade Líquida e a construção de novas infâncias na era digital.** Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia), Universidade Federal da Paraíba, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/14199/1/NBGC29112018.pdf> Acesso em: 08 jun. 2024.

MALLMANN, M. Y.; FRIZZO, G. B. O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário? Revista Cocar. Ed. Especial n. 7., p. 26-46, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2789/1229>. Acesso em: 16 jun. 2023.

MEIRELLES, Renata. **Giramundo e outros Brinquedos e Brincadeiras dos Meninos do Brasil.** São Paulo: Terceiro Nome, 2008.

OLIVEIRA, Sibeles. Colaboração para - Uso excessivo de tecnologia pode causar insônia, dores e prejudicar visão Imagem. In: **UOL**. VivaBem. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2018/07/21/quais-problemas-de-saude-o-uso-excessivo-de-tecnologia-pode-causar.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 28 jul. de 2024.

PINTO, Maria Benegelia et al. O brinquedo e o brincar: Infância e mudanças relacionais na modernidade líquida. **Rev. enferm.** UFPE on line, p. 3183-3189, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11396/13159> Acesso em: 08 jun. 2024.



SILVA, Janailson Nunes da. Taíse Silva COSTA; Maria Cecília SOARES. Crianças Conectadas: O Impacto das Tecnologias no Ato de Brincar. In: **JNT- Facit Business and Technology Journal**. 2021. Junho. Ed. 27. V. 1. Págs. 185-200. ISSN: 2526-4281 <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. Email: [jnt@faculdefacit.edu.br](mailto:jnt@faculdefacit.edu.br). Acesso nov. 2023.

THURLER, Paula Ceccon; FARBIARZ, Alexandre. Mídia, infância e Modernidade Líquida: como comportamentos de consumo midiático infantil refletem perfis de subjetividade contemporâneos. In: **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1492-1.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2024.